

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Correio Braziliense (D.F.)

Class.: 641

Data 25 de Julho de 1989

Pg.: _____

Cimi acusa comunista de estar desinformado sobre indígenas

O Conselho Indigenista Missionário (Cimi) criticou ontem as declarações do candidato à Presidência da República, Roberto Freire (PCB), que afirmou sua intenção de, se eleito, retirar todas as missões religiosas fixadas hoje em terras indígenas. Freire alegou que as missões interferem na política indigenista do Governo, fato contestado pelo Cimi.

O Conselho assegura que não interfere na política indígena e apenas combate interferências danosas aos índios por empreendimentos econômicos — “garimpeiros, madeireiros, etc” —, condenando práticas etnocidas e genocidas” de governos que não respeitem a Constituição”. A resposta do Cimi

a Roberto Freire inclui ainda uma recomendação de que o candidato se informe melhor “sobre a natureza do trabalho do Cimi, que, em seus 17 anos de existência, vem fazendo uma autocrítica teórica e prática da ação tradicional da Igreja Católica junto aos povos indígenas”.

O Conselho Indigenista Missionário compara ainda a intenção do candidato comunista de extinguir a Fundação Nacional do Índio (Funai) à posição do titular da Secretaria de Assessoramento da Defesa Nacional (Saden), general Rubens Bayma Denys, “hoje o maior formulador da política indigenista governamental”. Diz o Cimi que não se deve transformar um “dever legal do Estado de proteção

aos povos indígenas num monopólio que só interessa aos inimigos dos índios”.

Finaliza o Cimi acusando Freire de expressar um profundo desconhecimento da questão indígena e revela um pensamento autoritário quanto à gestão do Estado. “A verdadeira democratização do poder só se dará com a ampliação dos movimentos da sociedade civil organizada, da qual fazem parte a Igreja, o Cimi e os povos indígenas, organizados autonomamente nos termos da Constituição”, dizem os membros do Conselho, acrescentando que a política indígena do Governo deve deixar de ser determinada por uma casta, “como ocorre com os militares hoje em dia”.

Arouca apóia Gorbachev e grevistas

— A solidariedade do PCB neste momento deve ser aos grevistas soviéticos ou a Gorbachev?

— Ela deve ser dupla.

O candidato a vice-presidente na chapa de Roberto Freire (PCB), sanitarista Sérgio Arouca, esbanjou franqueza e bom-humor ao responder a esta e a outras perguntas dos funcionários do Ministério da Saúde num debate realizado ontem à tarde. Desde o início da campanha, o candidato Roberto Freire e seu vice Arouca têm percorrido roteiros diferentes em suas viagens pelo País, o que obrigou Arouca a se inteirar de assuntos estranhos a sua área.

“Estou fazendo minha especialização em economia e reforma agrária, e o Roberto hoje discute saúde como se fosse sanitarista”, revela ele. Na semana passada, Arouca esteve nas cidades de Criciúma, Florianópolis, Blumenau e Barra Mansa, enquanto Freire participava dos debates da TV Bandeirantes e da TV Manchete. Nesta semana, Arouca parte para São Paulo e Salvador e Freire vai até Campina Grande.

No debate de ontem, Arouca

mostrou que a boa performance em debates não é privilégio de seu companheiro de chapa. Ele não se esquivou de nenhuma das perguntas feitas e a todas respondeu com a mesma franqueza e objetividade que vêm sendo elogiadas em Freire.

Sobre a solidariedade aos soviéticos, Arouca disse que ela deve ser “dupla”, aos grevistas e a Gorbachev: “Estamos apostando muito na revolução democrática que Gorbachev tem liderado na União Soviética. O socialismo real não é aquele em que acabaram as contradições, mas aquele onde elas são melhor superadas”, respondeu.

Ele esclareceu que, embora o internacionalismo faça parte do comunismo, a História já mostrou que ninguém exporta revolução. “Isso não passa pela Cacex”, brincou Arouca. Ele observou que a via brasileira para o socialismo deve ser contruída pelo povo brasileiro, com o seu caminho, e não tem “nada a ver” com os modelos chilenos, cubanos e soviéticos.

Ao ser perguntado se a nova Constituição atrapalharia um Go-

verno socialista, Arouca respondeu que “não, inclusive porque achamos que o socialismo não vai acontecer nestas eleições”. Evitando o costumeiro “já ganhamos” empregado por quase todos os outros candidatos, Arouca disse que a nova Constituição tem o mérito de permitir avanços na ampliação da consciência democrática, condição indispensável para a implantação do socialismo. “Quando chegar o socialismo teremos uma Constituição socialista”.

Um dos servidores quis saber se Arouca aceitará ser o ministro da saúde de algum dos presidenciais colocados por outros partidos. O sanitarista disse que não comporia o ministério de nenhum dos candidatos conservadores e traçou um perfil ideológico do atual quadro partidário:

“A esquerda brasileira começa dentro do PMDB, com Arraes e Waldir Pires, passa pelo PDT, pelo PSDB e está na Frente Brasil e no PCB. No instante em que o PMDB colocou Waldir Pires na chapa de Ulysses ele definiu-se pela social-democracia de centro ou de centro-esquerda.